

Upaniṣads*: uma exposição sobre seus aspectos fundamentais

Leonardo Ricardo de Oliveira*

DOI: 10.11606/issn.2318-8855.
v12i1551-570

Resumo: Este artigo tem por objetivo proporcionar uma introdução às antigas *Upaniṣads* indianas, as quais constituem um conjunto de textos de caráter filosófico-religioso elaborados aproximadamente a partir do século VII Antes da Era Comum. Para tal, discorreremos sobre a data de composição das primeiras *Upaniṣads*, discutiremos acerca de quem as produziu e como elas foram transmitidas, bem como apontaremos para o que pode ser entendido como *ātman* e Brahman nesses escritos e sobre o que eles sugerem para que se escape do ciclo de renascimentos (*samsāra*). Por fim, algumas noções relevantes sobre o contexto cultural e geográfico da Índia Antiga serão fornecidas, assim como apontaremos para as principais traduções dos textos em questão disponíveis atualmente em inglês e em português.

Palavras-chave: Filosofia Indiana; Índia Antiga; Literatura Indiana; Upaniṣads.

* Este trabalho é fruto dos resultados obtidos por meio da pesquisa de Iniciação Científica em andamento, amparada pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq). Expresso profunda gratidão ao meu orientador, Glaydson José da Silva, pelo perene apoio nas diversas etapas desta pesquisa. Agradeço também à Cássila Silva pela constante resiliência no processo de ler e reler cada rascunho deste artigo e tecer pertinentes comentários.

**Graduando de História pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp/EFLCH) e membro do grupo de pesquisa "Antiguidade e Modernidade: História Antiga e Usos do Passado". Contato: leonardo.rdj5@gmail.com

Afinal, o que são as *Upaniṣads*¹?

As *Upaniṣads* podem ser descritas como um conjunto de textos filosófico-religiosos produzidos na Índia Antiga. Segundo Paul Deussen, um dos principais estudiosos das *Upaniṣads* do século XX, as *Upaniṣads* têm uma importância equivalente para um religioso hindu ao que o Novo Testamento equivale para um cristão. (DEUSSEN, 1906, p. VIII). Hodiernamente, além de serem importantes para diversas correntes do hinduísmo (OLIVELLE, 1998, p. 7), são também pertinentes aos filósofos e historiadores que têm interesse na antiga sociedade indiana e nas suas produções intelectuais (OLIVELLE, 1998, p. 3). Isso ocorre porque, embora temas éticos e metafísicos sejam mais frequentes nas *Upaniṣads*, esses textos também apresentam lampejos que fornecem valiosas informações sobre a Índia Antiga e contribuem para a construção de um quadro geral sobre a sociedade em questão.

Etimologicamente, foi proposto e amplamente aceito que a palavra “*Upaniṣad*” foi composta a partir da junção das palavras “*sad*” (sentar), “*upa*” (perto) e “*ni*” (embaixo), podendo indicar algo como “sentar-se aos pés de um mestre” (STELLA, 1969, p. 11; COHEN, 2018, p. 2). Com relação à quantidade de *Upaniṣads*, há diversas composições que foram produzidas em diferentes períodos históricos e que receberam o título de *Upaniṣad* (COHEN, 2018, p. 5). Apesar disso, *tradicionalmente* o número de *Upaniṣads* aceitas como tal flutua entre 54 a 250, sendo ainda mais comum nos ciclos hindus a defesa de que há 108² obras (STELLA, 1969, p. 15). Tais *Upaniṣads* foram compostas em um período histórico que vai aproximadamente do

¹ Embora seja comum o emprego, *e.g.*, de “*Upanishads*”, estamos seguindo, na maioria das palavras, a transliteração do sânscrito feita por Patrick Olivelle, disponível em sua obra *The Early Upaniṣads* e baseada no IAST (International Alphabet of Sanskrit Transliteration).

² Isto ocorre porque 108 é um número sagrado na tradição hindu (COHEN, 2018, p. 22).

***Upaniṣads*: uma exposição sobre seus aspectos fundamentais**

século VII Antes da Era Comum (AEC) até o século XVI da Era Comum (EC),³ o que será debatido de maneira mais apropriada adiante, sobretudo no que se refere à composição das primeiras *Upaniṣads*.

Segundo Patrick Olivelle, atualmente um dos mais importantes estudiosos das *Upaniṣads*, “Esses documentos [isto é, as *Upaniṣads*] foram compostos ao longo de vários séculos e em várias regiões, e é inútil tentar descobrir uma única doutrina ou filosofia neles.” (OLIVELLE, 1998, p. 4, tradução nossa).⁴ Seja como for, percorrendo as páginas desses escritos é possível identificar o predomínio de discussões acerca de *ātman*, Brahman e sobre o que deve ser feito para escapar da incessante roda de renascimentos (*saṃsāra*) (COHEN, 2018, p. 1).

Data de composição, transmissão e autoria das *Upaniṣads*

Em 1906, Paul Deussen propôs que as primeiras *Upaniṣads* foram compostas entre 1000 e 500 AEC (DEUSSEN, 1906, p. 51). Olivelle, por sua vez, propõe um período um pouco mais restrito, sugerindo que elas podem ter sido compostas entre os séculos VII e VI AEC. Todavia, Olivelle adverte que

Apesar das afirmações feitas por alguns, na realidade, qualquer datação destes documentos que tente uma precisão de mais de alguns séculos é tão estável quanto um castelo de cartas. O consenso acadêmico, bem fundamentado, eu penso, é que a *Bṛhadāraṇyaka* e a *Chāndogya* são as duas *Upaniṣads* mais antigas. (OLIVELLE, 1998, p. 12, tradução nossa).⁵

³ Empregar-se-á aqui as expressões Antes da Era Comum (AEC) e Era Comum (EC), e não antes de Cristo (a.C) e depois de Cristo (d.C.).

⁴ No original: “These documents were composed over several centuries and in various regions, and it is futile to try to discover a single doctrine or philosophy in them.”

⁵ No original: “In spite of claims made by some, in reality, any dating of these documents that attempts a precision closer than a few centuries is as stable as a house of cards. The scholarly consensus, well founded I think, is that the *Bṛhadāraṇyaka* and the *Chāndogya* are the two earliest *Upaniṣads*.”

Isso se deve, em grande medida, à própria natureza das *Upaniṣads*. As *Upaniṣads* foram compostas e transmitidas oralmente de geração em geração (OLIVELLE, 1998, p. 8; COHEN, 2018, p. 6), tendo o manuscrito mais antigo sido escrito muito tardiamente – entre os séculos XVI ou XVII EC, segundo as atuais técnicas de datação por carbono-14, (COHEN, 2018, p. 6, 12). Um dos motivos da secular resistência à escrita na Índia Antiga se deve à sacralidade de tais textos,⁶ os quais deviam ser ouvidos, não lidos (COHEN, 2018, p. 6; SILVA, 2018, p. 18). Ao longo de um vasto período histórico, muitas *Upaniṣads* foram compostas, havendo inclusive algumas escritas durante o período medieval que possuíam íntimas relações com o islamismo (COHEN, 2018, p. 5).

De fato, a escrita tardia das *Upaniṣads* não foi uma exceção na vasta história da literatura indiana. É preciso ter em perspectiva que as *Upaniṣads* fazem parte do amplo *corpus* literário védico (OLIVELLE, 1998, p. 7). Desse amplo material literário, a tradição acadêmica atribui ao *R̥gveda* o *status* de obra literária mais antiga da Índia, cuja data de composição gira em torno de 1500 a 1200 AEC (COHEN, 2018, p. 15). Assim como as *Upaniṣads*, o *R̥gveda* também foi transmitido oralmente e escrito tardiamente – o manuscrito mais antigo do *R̥gveda* data do século XIV EC (COHEN, 2018, p. 6), e os mesmos processos de transmissão oral e escrita tardia são válidos às demais obras literárias dos Vedas.

Tendo os textos indicados sido transmitidos oralmente e posteriormente escritos em sânscrito, os filólogos puderam identificar que o *R̥gveda* apresenta uma

⁶ A palavra “texto” evocada aqui não entra em contradição com a difusão oral das *Upaniṣads*, desde que se entenda que o que está sendo tratado são textos orais (Cf. COHEN, 2018, p. 34-37).

***Upaniṣads*: uma exposição sobre seus aspectos fundamentais**

linguagem muito mais arcaica se comparada à linguagem das primeiras *Upaniṣads* (COHEN, 2018, p. 13, 16-17). Além disso, um antigo acordo militar conhecido como “Tratado de Mitani” auxilia os pesquisadores a datar mais precisamente o *R̥gveda*. Isso porque uma parte desse tratado foi escrita em sânscrito, apresenta alguns deuses presentes no *R̥gveda* e uma linguagem igualmente arcaica, similar à linguagem encontrada no *R̥gveda*. Como o tratado escrito em pedra pode ser datado, de acordo com as técnicas modernas, por volta de 1400 AEC (COHEN, 2018, p. 14), os acadêmicos têm atribuído ao *R̥gveda* a data de composição indicada (1500-1200 AEC).

Em resumo, a linguística e a arqueologia modernas, sobretudo, sustentam as proposições de que o *R̥gveda* foi escrito em um período anterior às primeiras *Upaniṣads* e de que estas foram elaboradas entre os séculos VII e VI AEC. Embora tenham sido transmitidas oralmente, um neófito não deve confundir “transmissão oral” com “literatura *mnemônica*”. Segundo a pesquisadora Signe Cohen, os Vedas e as *Upaniṣads* efetivamente foram transmitidos oralmente, mas, ao contrário de muitos épicos orais antigos, foram transmitidos de um modo fixo (COHEN, 2018, p. 34-36). Emprestando-lhe a palavra:

Embora a transmissão das *Upaniṣads* não fosse tão estritamente codificada quanto a dos Vedas, ainda seria errôneo classificar as *Upaniṣads* como “literatura oral” no sentido em que esse termo é mais frequentemente usado para se referir a épicos orais ou contos populares. *Uma designação melhor* para os primeiros textos indianos, como as *Upaniṣads* e os Vedas, *seria literatura mnemônica*. *A literatura mnemônica é transmitida oralmente, como os textos orais, mas de uma forma fixa, algo semelhante à literatura escrita*. [Grifos nossos] (COHEN, 2018, p. 36-37, tradução nossa).⁷

⁷ No original: “Although the transmission of the *Upaniṣads* was not as strictly codified as that of the Vedas, it would still be misleading to classify the *Upaniṣads* as ‘oral literature’ in the sense this term is most often used to refer to oral epics or folktales. A better designation for the earliest Indian texts, such as the *Upaniṣads* and the Vedas, would be *mnemonic literature*. Mnemonic literature is transmitted orally, like oral texts, but in a fixed form somewhat akin to written literature.”

A afirmação de Cohen vai ao encontro do que defende Olivelle, o qual aponta que, embora as *Upaniṣads* tenham sido transmitidas oralmente, tal processo era delimitado por dispositivos internos que garantiam uma transmissão fiel (OLIVELLE, 1998, p. 8, 10). Quais eram, afinal, os métodos que garantiam o caráter fixo dessas obras? Em primeiro lugar, Cohen dá uma pista no excerto acima, na medida em que a autora assinala que as *Upaniṣads* faziam parte de uma cultura de transmissão *mnemônica*. Em segundo lugar, uma classe social foi organizada na Índia a fim de preservar e reproduzir fielmente tais textos, sem espaço para erros ou desvios decorrentes da criatividade individual. Esta classe era chamada de *brāhmaṇa*, constantemente grafada no português como brâmane, que significa “povo de Brahman” (KILLINGLEY, 2018, p. 52). Possivelmente, as crianças desta classe começavam a estudar os textos sagrados aos doze anos e terminavam seus estudos aos vinte e quatro anos, como é possível identificar na *Chāndogya*:⁸ “Então ele [Śvetaketu, filho de Āruṇi] partiu para se tornar um estudante aos doze anos e, depois de aprender todos os Vedas, retornou quando tinha vinte e quatro anos [...]” (CU 6.1.2, tradução nossa).⁹ Algumas passagens presentes nas *Upaniṣads*, como a que se segue, sugerem que havia a possibilidade de mobilidade social àqueles que quisessem aprender os rituais sagrados e se tornar, por conseguinte, um brâmane, dado que um garoto que não provinha da casta brâmane foi aceito como tal:

Um dia Satyakāma Jābāla disse à sua mãe Jābāla: “Mãe, eu quero me tornar um estudante védico. Então me diga qual é a minha linhagem.”

Ela respondeu: “Filho, não sei qual é a sua linhagem. Eu era jovem quando eu tive você. [...] é impossível para mim dizer qual é a sua linhagem. Mas meu nome é Jābāla, e seu nome é Satyakāma, então você deve simplesmente dizer que você é Satyakāma Jābāla.”

⁸ Esta e outras citações diretas das *Upaniṣads* são traduções livres da versão em inglês do texto *The Early Upaniṣads*, de Patrick Olivelle.

⁹ No original: “So he went away to become a student at the age of twelve and, after learning all the Vedas, returned when he was twenty-four [...]”

***Upaniṣads*: uma exposição sobre seus aspectos fundamentais**

Ele então foi até Hāridrumata Gautama e disse: “Senhor, eu quero viver como um estudante védico sob seus cuidados. Eu venho até você, senhor, como seu estudante.”

Hāridrumata perguntou-lhe: “Filho, qual é a tua linhagem?” E ele respondeu: “Senhor, eu não sei qual é a minha linhagem. [...]”

Hāridrumata então disse-lhe: “Quem senão um brâmane poderia falar assim! Pegue um pouco de lenha, filho. Eu realizarei sua iniciação. Você não se desviou da verdade.” (CU 4.4.1-5, tradução nossa).¹⁰

Em resumo, as *Upaniṣads* eram transmitidas fielmente de geração em geração pelos brâmanes. Tais informações, contudo, ainda são insuficientes para que haja uma compreensão um pouco mais apurada sobre a transmissão das *Upaniṣads*. Com efeito, é necessário salientar que o que foi chamado acima genericamente de “Vedas” refere-se a um conjunto de textos com quatro subdivisões tradicionais, a saber: *R̥gveda*, *Sāmaveda*, *Yajurveda*, e *Atharvaveda* (DEUSSEN, 1906, p. 1; OLIVELLE, 1998, p. 8). Grosso modo, cada um desses antigos substratos da literatura indiana ocupava-se com o correto desenvolvimento dos *sacrifícios*. Como a palavra “Veda” significa “conhecimento” (SILVA, 2018, p. 18) ou “sabedoria”, seus textos carregam, portanto, conhecimentos acerca dos sacrifícios ritualísticos (KILLINGLEY, 2018, p. 50). Cada um desses Vedas era aprendido e transmitido por um grupo específico de especialistas brâmanes, os quais tinham uma função predeterminada nos inúmeros e complexos rituais praticados naquela sociedade (KILLINGLEY, 2018, p. 54). Com o passar do

¹⁰ No original: “One day Satyakāma Jābāla said to his mother Jābāla: ‘Mother, I want to become a vedic student. So tell me what my lineage is.’

She replied: ‘Son, I don’t know what your lineage is. I was young when I had you. [...] it is impossible for me to say what your lineage is. But my name is Jābāla, and your name is Satyakāma, so you should simply say that you are Satyakāma Jābāla.’

He went to Haridrumata Gautama then and said: ‘Sir, I want to live under you as a vedic student. I come to you, sir, as your student.’

Hāridrumata asked him: ‘Son, what is your lineage?’ And he replied: ‘Sir, I don’t know what my lineage is. [...]’

Hāridrumata then told him: ‘Who but a Brahmin could speak like that! Fetch some firewood, son. I will perform your initiation. You have not strayed from the truth.’”

tempo, cada escola – ou *śākhā*, para ser mais preciso – passou não apenas a transmitir os antigos textos sagrados dos Vedas tradicionais, mas a compor o que ficou conhecido como as *Upaniṣads*. Desse modo, cada *Upaniṣad* antiga está vinculada a determinada *śākhā*. Assim, a *Bṛhadāraṇyaka* e a *Chāndogya* – *i.e.*, as primeiras *Upaniṣads* –, a título de exemplo, estão vinculadas ao *Yajurveda* e ao *Sāmaveda*, respectivamente (OLIVELLE, 1998, p. 9).

A existência de distintas *śākhās* gerava rivalidades e discordâncias. Apesar disso, não apenas cada *śākhā* conhecia as *Upaniṣads* produzidas por outra (COHEN, 2018, p. 31), mas outros setores sociais também conheciam, ainda que incipientemente, o conteúdo de tais *Upaniṣads*, a despeito do esforço para preservar o caráter secreto dessas doutrinas. Nesse sentido, o filósofo Yājñavalkya adverte, na *Bṛhadāraṇyaka*, quando questionado sobre o que ocorre após a morte: “Meu amigo, não podemos falar sobre isso em público. Pegue minha mão, Ārtabhāga; vamos discutir isso em particular.” (BU, 3.2.13, tradução nossa).¹¹ Havia muita resistência por parte dos sábios em relatar alguns detalhes doutrinários aos não-iniciados. Talvez a passagem que melhor reflita o caráter oculto das doutrinas contidas nas *Upaniṣads* seja o diálogo entre Naciketas, uma criança, e o deus da morte, Yama, na *Kaṭha* (DEUSSEN, 1906, p. 12). Na referida *Upaniṣad*, Yama tenta convencer o garoto a desistir de sanar sua dúvida sobre o que acontece após a morte, oferecendo ao jovem os deleites carnis. O garoto, porém, não se furta do seu objetivo (KU, 1.20-29).

Por fim, discorreremos sobre a autoria das *Upaniṣads*. Com relação à maioria delas, não é possível creditar um único autor, sendo necessário considerá-las produtos de diversos compositores anônimos (DEUSSEN, 1906, p. 51; STELLA, 1969, p.

¹¹ No original: “My friend, we cannot talk about this in public. Take my hand, Ārtabhāga; let's go and discuss this in private.”

***Upaniṣads*: uma exposição sobre seus aspectos fundamentais**

7). Em consonância com o que foi dito acima, se é possível afirmar que uma dada *Upaniṣad* pertence a alguém, ela certamente pertence à *śākhā* que a produziu (COHEN, 2018, p. 28). De modo ainda mais genérico, é possível afirmar que elas foram produzidas por brâmanes (OLIVELE, 1998, p. 7-8, 11-12) e destinadas aos brâmanes.

Poder-se-ia alegar que algumas *Upaniṣads* foram escritas por alguns personagens proeminentes, como o filósofo Yājñavalkya, por exemplo. Contudo, não é possível apontar que Yājñavalkya seja de fato uma personagem histórica, tendo em vista sua presença em um texto muito mais antigo que as *Upaniṣads* – a *Satapathabrâhmana* – no qual ele também aparece ensinando o rei Janaka.¹² A julgar pelo caso, provavelmente Yājñavalkya e Janaka – assim como outras personagens que figuram nas *Upaniṣads* – serviam como arquétipos na literatura indiana. O mesmo que foi dito sobre o filósofo e o rei também pode ser válido no caso da personagem homônima da *Śvetāśvatara*, a qual é apontada como autora do texto em questão (SU 6.21) e cuja palavra sânscrita significa algo como “aquele que possui uma mula branca” (OLIVELLE, 1998, p. 413).

As novidades das *Upaniṣads*

Conforme dissemos, as obras literárias anteriores às *Upaniṣads* dedicavam-se, de modo geral, aos rituais. Com o passar do tempo, as *śākhās* foram deslocando seus interesses até então praticamente exclusivos aos sacrifícios e passaram a desenvolver especulações filosóficas (DEUSSEN, 1906, p. 4). Certamente, as *Upaniṣads* ainda especulavam sobre a necessidade dos rituais e indicavam como estes deviam ser

¹² Os ensinamentos de Yājñavalkya ao rei Janaka se arrastam durante grande parte do quarto capítulo da *Bṛhadāraṇyaka*. Quanto às aparições de Yājñavalkya e Janaka no texto citado, ver: *Satapathabrâhmana* 11.3ff.

feitos. A própria *Bṛhadāraṇyaka* faz alusão, logo no início, a um sacrifício equino (BU. 1.1.1-2). Contudo, as *Upaniṣads* não deixam de sublinhar as limitações dos rituais e prescrever um caminho soteriológico¹³ alternativo (SILVA, 2018, p. 24). Ademais, cabe destacar que o conteúdo das *Upaniṣads* volta-se para o ser humano. Em outras palavras, segundo Olivelle, “Embora as especulações cosmológicas e ritualísticas marquem presença nas *Upaniṣads*, o foco de sua investigação é a pessoa humana.” (OLIVELLE, 1998, p. 22, tradução nossa).¹⁴

Nas *Upaniṣads*, doutrinas duradouras e ainda presentes na história de parte do pensamento oriental começaram a ser desenvolvidas ou mais aprofundadas, tais como o significado de Brahman e *ātman*, a noção de *karma* e o que é preciso fazer para escapar do opaco e indesejável ciclo de renascimentos (*saṃsāra*).¹⁵ Como algumas dessas doutrinas – especificamente uma noção semelhante à concepção de *karma*, a ideia de renascimentos e indicações sobre o que é necessário para cessar este pesaroso ciclo – também começaram a surgir na Grécia Antiga um pouco depois da composição das primeiras *Upaniṣads*, alguns pesquisadores argumentam que tais concepções viajaram da Índia para as *póleis* gregas.¹⁶ Seja ou não essa uma hipótese válida, considerando que o governante persa Dario instituiu satrapias (províncias) que se estendiam da região da Jônia até as proximidades da Índia no processo de

¹³ A palavra “soteriológico” aqui empregada diz respeito à noção de *salvação* do ciclo de renascimentos (SILVA, 2018, p. 13), como ficará mais claro adiante.

¹⁴ No original: “Although ritual and cosmological speculations abound in the *Upaniṣads*, the focus of their inquiry is the human person.”

¹⁵ Embora o termo “reencarnação” seja muito utilizado quando se fala sobre a doutrina do renascimento presente no hinduísmo, no jainismo e em algumas vertentes do budismo, trata-se de um termo impreciso, uma vez que reencarnação se refere, segundo Junito de Souza Brandão, “[...] a reasunção pela alma de um novo corpo humano [...]” (BRANDÃO, 1987, p. 159). Como a doutrina do renascimento presente nas *Upaniṣads* e nas demais filosofias indianas posteriores assumem a possibilidade do renascimento em outras estruturas além do corpo humano, indicaremos esse processo por *saṃsāra*, cujo equivalente grego é, em certo sentido, a metempsicose.

¹⁶ Para citar apenas dois exemplos, ver MCEVILLEY, 2008, e WEST, 1971.

***Upaniṣads*: uma exposição sobre seus aspectos fundamentais**

expansão do Império Persa situado entre as duas regiões (Heródoto, *Histórias*, III, 89-94; VLASSOPOULOS, 2013, p. 18), pode-se dizer que a partir do século VI AEC a Índia manteve uma relação virtual com a Grécia por meio dos persas (MCEVILLEY, 2008, p. 6-18).

Começemos por abordar Brahman. Segundo as primeiras *Upaniṣads*, Brahman pode ser entendido como o fundamento de toda a realidade. Trata-se de uma força cósmica (COHEN, 2018, p. 44), um princípio metafísico presente, inclusive, dentro de cada ser humano (STELLA, 1969, p. 29-30, 32). Apropriando-se do léxico aristotélico para fins meramente expositivos, Brahman é ao mesmo tempo causa material, causa formal, causa eficiente e causa final. As seguintes passagens podem elucidar melhor esta definição: “E pense no que as pessoas chamam de “*brahman*” – claramente, nada mais é do que este espaço aqui fora de uma pessoa. E este espaço aqui fora de uma pessoa – claramente, é o mesmo que este espaço aqui dentro de uma pessoa.” (CU. 3.12.7-8, tradução nossa).¹⁷ Ou: “Ora, o que se chama espaço é aquilo que produz nome e aparência visível. Aquilo dentro do qual eles estão localizados – isso é *brahman*; esse é o imortal; esse é o eu (*ātman*).” (CU. 8.14.1, tradução nossa).¹⁸

As passagens acima também fornecem valiosas pistas sobre a concepção de *ātman* presente nas primeiras *Upaniṣads*. De modo geral, *ātman* pode ser entendido como o eu de cada ser, uma unidade que possui como predicado a indestrutibilidade. Contudo, essas composições vão além dessas definições ontológicas, uma vez que as primeiras *Upaniṣads* afirmam a indistinguibilidade entre *ātman* e Brahman. Em outras

¹⁷ No original: “And take what people call “*brahman*” – clearly, it is nothing but this space here outside a person. And this space here outside a person – clearly, it is the same as this space here within a person.”

¹⁸ No original: “Now, what is called space is that which brings forth name and visible appearance. That within which they are located – that is *brahman*; that is the immortal; that is the self (*ātman*).”

palavras, tais textos sugerem que não há diferença ontológica entre *ātman* e Brahman (SILVA, 2018, p. 15, 25). As passagens a seguir também têm por objetivo elucidar este argumento: “Esta terra é o mel de todos os seres, e todos os seres são o mel desta terra. A pessoa radiante e imortal na terra e, no caso do corpo (*ātman*), a pessoa radiante e imortal que reside no corpo físico – ambos são o eu (*ātman*). É o imortal; é *brahman*; é o Todo.” (BU 2.5.1, tradução nossa).¹⁹ Ou:

Claramente, este eu é *brahman* – este eu que é feito de percepção, feito de mente, feito de visão, feito de respiração, feito de audição, feito de terra, feito de água, feito de vento, feito de espaço, feito de luz e sem luz, feito de desejo e sem desejo, feito de raiva e sem raiva, feito de justo e injusto, este eu que é feito de tudo”. (BU 4.4.5, tradução nossa).²⁰

O caráter correspondente entre *ātman* e Brahman pode ser elucidado nesta bela metáfora presente na *Chāndogya*:

“Coloque este pedaço de sal em um recipiente com água e volte amanhã.”
O filho obedeceu e o pai lhe disse: “O pedaço de sal que você colocou na água na última noite – traga-o aqui.” Ele o procurou, mas não conseguiu encontrá-lo, pois havia se dissolvido completamente.
“Agora, tome um gole deste canto”, disse o pai. “Qual é o sabor?”
“Salgado.”
“Tome um gole do centro. Qual é o sabor?”
“Salgado.”
“Tome um gole daquele canto. Qual é o sabor?”
“Salgado.”
“Jogue fora e volte mais tarde.” Ele fez o que lhe foi dito e descobriu que o sal estava sempre lá. O pai disse a ele: “Você, é claro, não o viu lá, filho; mas sempre esteve bem ali.

¹⁹ No original: “This earth is the honey of all beings, and all beings are the honey of this earth. The radiant and immortal person in the earth and, in the case of the body (*ātman*), the radiant and immortal person residing in the physical body – they are both one’s self (*ātman*). It is the immortal; it is *brahman*; it is the Whole.”

²⁰ No original: “Clearly, this self is *brahman* – this self that is made of perception, made of mind, made of sight, made of breath, made of hearing, made of earth, made of water, made of wind, made of space, made of light and the lightless, made of desire and the desireless, made of anger and the angerless, made of the righteous and the unrighteous; this self that is made of everything.”

***Upaniṣads*: uma exposição sobre seus aspectos fundamentais**

“A essência mais sutil aqui – isso constitui o eu deste mundo inteiro; essa é a verdade; isso é o eu (*ātman*). E é assim que você é, Śvetaketu.” (CU 6.13.1-3, tradução nossa).²¹

O eu (*ātman*) de que falamos nas *Upaniṣads* é uma centelha imortal presente em um ser – responsável pelo controle da fala, da visão, da audição e da mente (BU 3.7.17-20) – temporariamente presa a um animal, vegetal ou mesmo a uma parte da Lua ou do Sol. Uma vez que as *Upaniṣads* possuem historicidade no que tange às suas doutrinas, é natural que apareçam diferentes e conflitantes concepções internas sobre *ātman*, como acontece em qualquer doutrina filosófica ou pensamento religioso. Nesse sentido, algumas passagens relatam que *ātman* é menor que um grão de mostarda (CU 3.14.3), outras defendem que *ātman* é do tamanho de um polegar (KU 4.12-13, 6.17), enquanto Yājñavalkya, na *Bṛhadāraṇyaka*, alega que

Sobre este eu (*ātman*), só se pode dizer ‘não – não –.’ Ele é inapreensível, pois não pode ser apreendido. Ele não é decadente, pois não está sujeito à decadência. Ele não tem nada aderindo a ele, pois ele não se apega a nada. Ele não está preso; no entanto, ele não teme de medo nem sofre lesão. (BU 3.9.26, tradução nossa).²²

²¹ No original: “Put this chunk of salt in a container of water and come back tomorrow.’ The son did as he was told, and the father said to him: ‘The chunk of salt you put in the water last evening bring it here.’ He groped for it but could not find it, as it had dissolved completely.

‘Now, take a sip from this corner’, said the father. ‘How does it taste?’

‘Salty.’

‘Take a sip from the center. – How does it taste?’

‘Salty.’

‘Take a sip from that corner. – How does it taste?’

‘Salty.’

‘Throw it out and come back later.’ He did as he was told and found that the salt was always there. The father told him: ‘You, of course, did not see it there, son; yet it was always right there.

‘The finest essence here – that constitutes the self of this whole world; that is the truth; that is the self (*ātman*). And that’s how you are, Śvetaketu.’

²² No original: “About this self (*ātman*), one can only say ‘not –, not –.’ He is ungraspable, for he cannot be grasped. He is undecaying, for he is not subject to decay. He has nothing sticking to him, for he does not stick to anything. He is not bound; yet he neither trembles in fear nor suffers injury.”

A despeito dessas diferenças internas, as primeiras *Upaniṣads* parecem concordar entre si com a proposição de que todos os seres vivos estão inseridos em um ciclo de renascimentos (*saṃsāra*) que deve ser interrompido, dado que o lugar adequado à cada indivíduo (*ātman*) não é a prisão nos frágeis corpos pueris, mas sim a união com o Todo (Brahman) após um processo de diluição do eu (*ātman*). Posto de outro modo, a noção de um eu individual é falsa e deve ser combatida com a verdade, ou seja, por meio da concepção de que *ātman* e Brahman são iguais. É importante mencionar que o *R̥gveda* não transmite uma doutrina do renascimento (MCEVILLEY, 2008, p. 112; STELLA, 1969, p. 50), sendo esta ou uma novidade ou um desenvolvimento das *Upaniṣads*.²³

Abordando com mais detalhe a doutrina *upaniṣádica* do *saṃsāra*, os textos em questão assumem a possibilidade de se habitar transitoriamente grãos, plantas (CU 5.10.6), animais e pessoas “impuras”, como a passagem a seguir atesta:

Agora, as pessoas aqui cujo comportamento é agradável podem esperar entrar em um útero agradável, como o de uma mulher de um brâmane, de um Kṣatriya ou da classe Vaiśyas. Mas as pessoas de comportamento sujo podem esperar entrar em um útero sujo, como o de um cachorro, um porco ou uma mulher sem casta. (CU 5.10.7, tradução nossa).²⁴

O trecho acima também acena para a ideia de *karma*, sendo tal noção intrinsecamente dependente do *saṃsāra*. Assim, o comportamento em uma vida irá definir o que ocorrerá na próxima, de modo que a noção de *karma* implica em uma responsabilidade ética.

²³ Isso porque algumas passagens dos *Satapathabrâhmana* podem indicar vestígios desta doutrina (MCEVILLEY, 2008, p. 113-114).

²⁴ No original: “Now, people here whose behavior is pleasant can expect to enter a pleasant womb, like that of a woman of the Brahmin, the Kṣatriya, or the Vaiśyas class. But people of foul behavior can expect to enter a foul womb, like that of a dog, a pig, or an outcaste woman.”

***Upaniṣads*: uma exposição sobre seus aspectos fundamentais**

Se o ciclo de renascimentos é visto como algo a ser interrompido, como escapar dele, segundo as *Upaniṣads*? É uníssono em tais obras o diagnóstico de que apenas o conhecimento pode libertar o devoto de tal processo (MCEVILLEY, 2008, p. 100). O indivíduo que rompe verdadeiramente o véu da aparência e descobre que é uno em relação ao Todo terá sua concepção sobre a vida cotidiana transformada, uma vez que esta tornar-se-á trivial e repulsiva (MCEVILLEY, 2008, p. 100-101; SILVA, 2018, p. 23-24). Como os desejos fazem a roda dos renascimentos girar, aquele que se desprende das volições por meio da descoberta de que também é Brahman torna-se iluminado (*mokṣa*). Há, portanto, uma soteriologia nas *Upaniṣads*, isto é, uma ideia de salvação mediante a adequada conduta racional.²⁵ A passagem a seguir extraída da *Bṛhadāraṇyaka* vai ao encontro do que foi afirmado: “Agora, um homem que não deseja – que está sem desejos, que está livre de desejos, cujos desejos são satisfeitos, cujo único desejo é o seu eu – suas funções vitais (*prāṇa*) não se afastam. *Brahman* ele é, e para *brahman* ele vai.” (BU 4.4.6, tradução nossa).²⁶

Como consequência, algumas partes das *Upaniṣads* incentivam uma vida mendicante (BU 4.4.22). Para aquele que não foi iluminado e permanece imerso na ignorância (*avidyā*), resta o indesejável caminho dos renascimentos (BU 4.4.11), seja como uma cobra, um inseto ou um verme (BU 6.2.16). De fato, é possível que tal indivíduo melhore seu *karma* e possua vantagens materiais, mas aquele que não descobriu a identidade em comum com Brahman e não levou uma vida ascética, não escapará. Enquanto os que romperam o véu da ignorância (*avidyā*) têm como destino o Sol e a desintegração do eu individual para se unir a Brahman (BU 6.2.15; CU

²⁵ Para mais detalhes sobre a importância da razão na soteriologia das *Upaniṣads*, ver: SILVA, 2018.

²⁶ No original: “Now, a man who does not desire – who is without desires, who is freed from desires, whose desires are fulfilled, whose only desire is his self – his vital functions (*prāṇa*) do not depart. *Brahman* he is, and to *brahman* he goes.”

4.15.5), os que não romperam o véu mencionado vão para a Lua e permanecem presos ao mundo dos pais (BU 6.2.16; CU 5.10.3-7).

Breve contexto geográfico, histórico e cultural das *Upaniṣads*

Todos os *insights* acima ocorreram no norte da Índia, região cercada pelo vale do Rio Indo a Oeste, pelo vale do Rio Ganges a Leste, pelas Cordilheiras dos Himalaias ao Norte, e pelos Montes de Víndia ao Sul (COHEN, 2018, p. 40-1). Segundo uma das teorias mais aceitas, um grupo do leste europeu de falantes do indo-europeu invadiu essa região há cerca de 2000 AEC e subjugou a população que lá habitava (OLIVELLE, 1998, p. 4-5; MCEVILLEY, 2008, p. 1). Como resultado, as *Upaniṣads* e as demais obras literárias da Índia Antiga foram compostas em sânscrito, uma língua indo-europeia que pertence ao mesmo ramo linguístico que o indo-iraniano (COHEN, 2018, p. 13).

Se os novos invasores tinham como mecanismo de dominação e distinção social a cor da pele, é difícil dizer. O que é possível de afirmar é que a mistura desses povos forjou o que se convencionou chamar de cultura védica (OLIVELLE, 1998, p. 5). Desse sincretismo cultural, uma complexa sociedade organizada em castas (*varṇas*) foi erguida. Como apontado anteriormente, alguns textos antigos sugerem um caráter bastante rígido entre as diferentes castas, enquanto outros textos sugerem que não havia tanta fixidez assim. De qualquer forma, a literatura indiana aponta para a existência de quatro castas, sendo estas: (1) os *Kṣatriyas*, os quais seriam elite militar dominante; (2) os citados brâmanes, responsáveis pela elaboração e preservação das obras sagradas, bem como os responsáveis pela adequada prática dos rituais; (3) os *Vaiśyas*, grupo composto por camponeses e artesãos; (4) os *Śūdras*, geralmente apontados como servos ou escravos (OLIVELLE, 1998, p. 5).

***Upaniṣads*: uma exposição sobre seus aspectos fundamentais**

Com relação a outros aspectos concernentes à sociedade que forjou as primeiras *Upaniṣads*, estas sugerem um ambiente agrícola no qual as plantações de arroz, cevada, gergelim, feijão, milhete, mostarda, trigo, lentilha e ervilha marcavam presença (BU 6.3.13). Embora houvesse comércio neste período, tratava-se de um comércio entre aldeias (OLIVELLE, 1998, p. 6). As *Upaniṣads* também fazem constantes alusões à monarquia, sendo esta a forma de governo predominante.

Apesar do ambiente agrícola, as *Upaniṣads* também se referem a cidades em expansão, como Videha. Neste ambiente de incipiente crescimento urbano e de discussões intelectuais, o patriarcado marcava presença, dado que os homens ocupavam um papel de destaque social, se comparado às mulheres (COHEN, 2018, p. 47-48). Apesar disso, algumas proeminentes mulheres conquistaram espaço nas *Upaniṣads*, sendo a mais destacada Gārgī Vācakanvī, a única mulher a disputar retoricamente contra o filósofo Yājñavalkya na corte do rei Janaka (LINDQUIST, 2018, p. 117). Apesar de não conseguir vencer seu oponente, Gārgī foi a adversária mais forte do sábio Yājñavalkya.

A crença na frivolidade da realidade cotidiana e na necessidade de cessar o ciclo de renascimentos certamente envolvia fatores sociais da época (MCEVILLEY, 2008, p. 115) dessa sociedade em acelerada transformação. Portanto, para que haja uma compreensão melhor acerca do pensamento da sociedade védica, é preciso que se leve em consideração as relações internas dessa sociedade.

Destacadas traduções e considerações finais

No século XIX, o filólogo William Jones argumentou que o latim, o grego e o sânscrito derivam de uma única fonte comum. Esta base comum vem

tradicionalmente sendo chamada de indo-europeu. Foi apenas uma questão de tempo para que os europeus oitocentistas se interessassem pelas *Upaniṣads*, sendo talvez o mais conhecido amante da sabedoria *upaniṣádica* o alemão Arthur Schopenhauer.

Conforme o interesse nas *Upaniṣads* foi aumentando, novas traduções foram surgindo. Para as finalidades deste artigo, não nos interessa narrar uma breve história das traduções das *Upaniṣads*. Em vez disso, para facilitar o caminho do ingressante nos novos estudos, o objetivo em questão consiste apenas em divulgar algumas das traduções mais importantes disponíveis em inglês e em português, visto que julgamos o inglês um idioma mais acessível aos novos estudantes pesquisadores do que, digamos, o alemão.

A tradução de doze *Upaniṣads* feita por Max Müller é uma das mais conhecidas. Publicada pela primeira vez na década de 1880, a tradução faz parte de um compilado de textos chamado *Sacred Books of the East*. Atualmente, a tradução encontra-se disponível em inglês. Já a tradução de Paul Deussen de sessenta *Upaniṣads* feita na década seguinte à tradução de Müller também está disponível em inglês, sob o título de *Sixty Upaniṣads of the Veda*. A tradução de Patrick Olivelle, cujo nome é *The Early Upaniṣads*, foi publicada em 1998 e traz as doze *Upaniṣads* mais antigas, segundo estimativas acadêmicas. Tal tradução é bilíngue e vem sendo uma das mais utilizadas em trabalhos científicos recentes. Por fim, há atualmente uma tradução em português das doze *Upaniṣads* traduzidas por Olivelle. Trata-se da tradução direta do sânscrito feita por Adriano Aprigliano, intitulada de *Upaniṣadas: Os doze textos fundamentais*, publicada em 2020.

Upaniṣads: uma exposição sobre seus aspectos fundamentais

Por fim, este artigo buscou introduzir os leitores às principais discussões a respeito das *Upaniṣads*, um conjunto de textos de grande importância aos religiosos hindus, aos amantes da literatura, aos filósofos e aos historiadores interessados na antiga sociedade indiana. Esperamos que a indicação dessas traduções, bem como tudo o que foi explanado neste artigo, possa iluminar a trilha do interessado em ingressar nos estudos das *Upaniṣads*.

Fontes

BRHADĀRAṆYAKA UPANIṢAD. In: OLIVELLE, Patrick. **The Early Upaniṣads**: Annotated Text and Translation. New York: Oxford University Press, 1998, p. 29-165.

CHĀNDOGYA UPANIṢAD. In: OLIVELLE, Patrick. **The Early Upaniṣads**: Annotated Text and Translation. New York: Oxford University Press, 1998, p. 166-287.

KATĪHA UPANIṢAD. In: OLIVELLE, Patrick. **The Early Upaniṣads**: Annotated Text and Translation. New York: Oxford University Press, 1998, p. 372-403.

THE SATAPATHA-BRAHMANA: According to the Text of the Mādhyandina School, Part V. In: EGGELING, Julius. Sacred Books of the East, Vol. 44. Oxford: Clarendon Press, 1900.

ŚVETĀŚVATARA UPANIṢAD. In: OLIVELLE, Patrick. **The Early Upaniṣads**: Annotated Text and Translation. New York: Oxford University Press, 1998, p. 413-433.

Lista de abreviaturas

BU – *Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad*.

CU – *Chāndogya Upaniṣad*.

KU – *Kaṭha Upaniṣad*.

SU – *Śvetāśvatara Upaniṣad*.

Referências bibliográficas

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**, vol. 2. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1987.

COHEN, Signe. Introduction: What is an *Upaniṣad*?, The date of the *Upaniṣads*, The authorship of the *Upaniṣads*, The redaction and transmission of the *Upaniṣads*, Ancient India: Geographical, historical, and cultural background. In: _____. (Ed.). **The Upaniṣads: A Complete Guide**. London: Routledge, 2018.

DEUSSEN, Paul. **The philosophy of the Upanishads**. Endinburgh: T&T Clarck, 1906.

HERÓDOTO. **Histórias**. Livro III – Talia. Tradução, introdução e notas de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Edipro, 2017.

KILLINGLEY, Dermot. The older Vedas and the *Upaniṣads*. In: COHEN, Signe (Ed.). **The Upaniṣads: A Complete Guide**. London: Routledge, 2018.

LINDQUIST, Steven E. Proeminente characters in the *Upaniṣads*. In: COHEN, Signe (Ed.). **The Upaniṣads: A Complete Guide**. London: Routledge, 2018.

MCEVILLEY, Thomas. **The Shape of Ancient Thought: Comparative Studies in Greek and Indian Philosophies**. Delhi: Motilal Banarsidass, 2008.

OLIVELLE, Patrick. **The Early Upaniṣads: Annotated Text and Translation**. New York: Oxford University Press, 1998.

SILVA, Bruno do Carmo. **Viveka**: A razão discriminativa e seu caráter soteriológico segundo a filosofia de Śankarācārya. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas, Juiz de Fora, 2018.

STELLA, Jorge Bertolaso. **Introdução às Upanichades**. São Paulo: Metodista, 1969.

VLASSOPOULOS, Kostas. **Greeks and Barbarians**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

WEST, Martin Litchfield. **Early Greek Philosophy and the Orient**. Oxford: Clarendon Press, 1971.